FELIPINHO

AMIGO, AVANTE!

PAULO DIVINO



CNEC EduBlocks





Copyright © Campanha Nacional de Escolas da Comunidade
Todos os direitos de edição reservados à
Editora e Gráfica Cenecista Dr. José Ferreira

C957f

Cruz, Paulo Divino Ribeiro da
Felipinho: Amigo, avante! / Paulo Divino Ribeiro da Cruz – Uberaba, Brasil: Editora e Gráfica Cenecista Dr. José Ferreira, 2018.
64p. : il. color. ; 20x21 cm.

1. Literatura infantojuvenil - primário.
2. Literatura infantil e juvenil.
I. Cruz, Paulo Divino Ribeiro da. II. CNEC. III. Título.

CDD: 028.5

Impressão
Editora e Gráfica Cenecista Dr. José Ferreira
Av. Frei Paulino, 580 - 38081000 - Uberaba-MG
Tel.: (34) 2103 0700

Direção e Produção Editorial
Emanuel Santana
Gerência Editorial
Wellington Silva Sporck
Autor
Paulo Divino Ribeiro da Cruz
Direção de Arte
Fabiano Morais
Editora
Eliane Ramos de Assis Pereira
Revisão
Camila Elias Ferreira da Silva
Neusa Patrícia Oliveira Cardoso
Ilustrações
Bruno Hatano
Gustavo Bernardes
Leon Avelar
Marlon Augusto
Primeira Capa
Marlon Augusto
Última Capa
Leon Avelar
Projeto Gráfico e Diagramação
Carlos Roberto Moura

FELIPINHO
AMIGO, AVANTE!

PAULO DIVINO

1ª edição

CNEC

Uberaba
Editora e Gráfica Cenecista Dr. José Ferreira
2018



Capítulo 1

Férias no sítio

De todos os lugares do mundo, aquele em que Felipinho mais gostava de estar era o sítio dos avós. Alguns anos atrás, ele chegou a perguntar para o seu pai se ali era o Paraíso. Tudo naquele lugar parecia mágico. Mesmo nos meses que não chovia, quando tudo secava e só os pés de juazeiro se destacavam na paisagem cinza, aquilo parecia cheio de vida e alegria.

Por isso, quando as férias chegaram, a primeira coisa que ele fez foi arrumar suas coisas e pedir ao seu pai que o levasse ao sítio dos avós. Ali ele tinha todo o espaço do mundo para usar sua imaginação. Um cabo de vassoura se transformava em uma espada, um casebre abandonado era um castelo, as árvores e os bichos eram habitantes de um país imaginário, onde ele podia passar as tardes sendo um cavaleiro andante e, depois de cansado, ir comer os doces e as guloseimas que a vovó tinha preparado.





E as noites! Ah, se os dias eram mágicos, as noites no sítio eram uma aventura misteriosa, principalmente quando se sentavam na varanda e o avô se punha a contar histórias antigas e "causos" engraçados de um tempo "em que se amarrava cachorro com linguiça", como o avô gostava de dizer.

Felipinho tinha pelo avô um carinho especial. Mais do que isso, para ele o avô era uma espécie de herói aposentado, alguém que tinha enfrentado e vencido mais batalhas do que se pode contar; alguém que tinha passado pelas dificuldades da vida sem se tornar uma pessoa difícil também.

De fato, o avô merecia aquele carinho e admiração, pois a sua vida bem que daria uma história digna de ser escrita, para que muita gente nela se inspirasse. O avô, Gustavo Pereira Borges, era um advogado aposentado, que gostava da companhia dos netos e de outras crianças, a quem nunca cansava de aconselhar a estudar: "Só a educação pode transformar o mundo, pois ela transforma as pessoas por dentro", gostava de dizer.



Às vezes, Felipinho pensava no avô como se ele fosse um daqueles filósofos antigos sobre os quais tinha lido e aprendido nas aulas de História. O avô sempre tinha uma palavra de consolo para um amigo em dificuldades, não tinha hora para atender os que o procuravam na cidade ou no sítio, para ouvir seus conselhos sobre qualquer coisa. Apesar da idade avançada, "Seu Gustavo", como gostava de ser chamado, sempre tinha um brilho intenso nos olhos e, apesar de todas as provações que tivera na vida, nunca deixara de acreditar nas pessoas e que os sonhos podem ser realizados.

Um dos lugares em que Felipinho mais gostava de ficar era a biblioteca do seu avô. É claro que ele adorava brincar no mato, fazer de conta que era um cavaleiro medieval enfrentando dragões e salvando princesas; também gostava muito dos banhos na represa, de subir nas árvores e de correr atrás dos animais domésticos. Mas entrar na biblioteca era como se fosse entrar numa máquina do tempo: ali os livros o levavam para lugares distantes, para outras épocas. Cada livro era um tesouro, e Felipinho sabia como aproveitar muito bem aqueles momentos de sossego em seu mundo particular.



Ele gostava também quando ia ali com seu avô, que o guiava por entre as estantes, falando sobre cada um dos livros, contando histórias sobre coisas e lugares, sobre acontecimentos, e explicando como, às vezes, um livro pode mudar a vida de uma pessoa e uma pessoa pode mudar a vida de muitas outras.

Naquela tarde, Felipinho tinha entrado na biblioteca com seu avô e foi logo perguntando:

— Vovô, o senhor já leu todos esses livros?

— Não todos — respondeu Seu Gustavo —, mas já li a maioria e muitos outros que não estão aqui.

— E como foi que o senhor conseguiu ajuntar tantos livros?

— Muitos estão comigo desde que eu tinha a sua idade, alguns eu comprei durante meu curso de Direito, mas a maioria eu comprei bem depois, quando já estava bem mais velho. Uma biblioteca — explicou Seu Gustavo — é apenas uma coleção de livros. A gente não precisa ler todos, mas apenas gostar da companhia deles. Um livro é um amigo, um companheiro, sempre uma luz na escuridão do mundo.

— Mas como um livro pode mudar a vida de uma pessoa?

— Porque é por meio dos livros que a gente aprende e ensina; eles têm todo o conhecimento de que as pessoas precisam para melhorar a vida e fazer do mundo um lugar melhor.

— E o senhor aprendeu todas as coisas que sabe lendo livros?

— Não, meu filho, muita coisa a gente aprende fazendo ou observando os outros fazerem. E eu nem sempre tive muitos livros.

— Mas como eram as escolas no tempo do senhor? — perguntou Felipinho.

— Naquela época, as escolas eram poucas e quase ninguém conseguia estudar. Eu aprendi a ler e a escrever em casa mesmo. Foi uma irmã minha que me ensinou a ler e a escrever. Depois disso, eu comecei a frequentar uma escola pública, mas ali a gente só aprendia até o primário, mesmo assim eram poucos os meninos ou meninas que podiam terminar. A maioria nem entrava na escola.

— Por que isso acontecia? — perguntou Felipinho com uma cara de quem se recusava a acreditar que já houve um tempo assim.

— Naquele tempo, os meus pais eram muito pobres, aliás, a maioria das pessoas da região tinha que lutar sol a sol para colocar comida dentro de casa. Alguns não conseguiam. Eu era o mais novo de sete filhos, e todos nós, desde muito cedo, tivemos que ajudar nossos pais no roçado, como a gente chamava a plantação. A vida era muito dura para todos, principalmente quando passava muito tempo sem chover.

— Mas o senhor nunca desistiu, não é? Por que o senhor continuou a estudar, se era tão difícil?

— Muitos colegas não chegaram a terminar o primário, a maioria das crianças frequentava apenas o tempo necessário para "desasnar". Mas eu não queria parar, sabia que podia aprender muito mais e queria seguir em frente. O meu sonho mesmo era fazer o curso de Direito, formar-me advogado.

— O que é isso de "desasnar", vovô?

— É que naquele tempo a gente dizia que as crianças iam para a escola só para aprender as primeiras noções sobre tudo. A gente só era instruído nos conhecimentos mais básicos, só para deixar de ser besta como um "asno". Eram poucos que conseguiam ou queriam ir para a frente, prosseguir nos estudos e se formar em Direito, Medicina ou Engenharia.

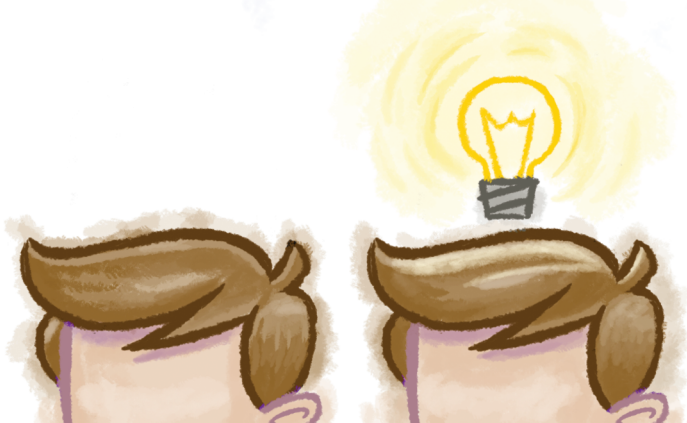


— Mas como o senhor conseguiu, se sua família era muito pobre? Tinha esse curso na cidade onde o senhor morava? O senhor conseguiu fazer tudo sozinho? O senhor nunca pensou em desistir de tudo?

— Você faz muitas perguntas, menino! Por isso é que eu gosto tanto de você, se parece com um menino que eu conheci há muito tempo. Mas hoje a gente já conversou demais. Amanhã a gente continua.

Seu Gustavo saiu, e Felipinho ficou sozinho na biblioteca, pensando nas coisas que acontecem na vida, nos livros e na história que seu avô começou a contar, aquela sobre o menino que se parecia com ele.

Foi então que Felipinho começou a procurar e, em um desses livros que começou a ler, ele percebeu logo nas primeiras páginas que se tratava da história que o avô não havia terminado de contar.





Capítulo 2:

O sertão é o melhor lugar do mundo

Naquela noite, Felipinho demorou um pouco para dormir. Apesar do cansaço, de tanta coisa que tinha feito naquele dia, o sono demorou um pouco mais para chegar. Sua cabeça estava fervilhando de ideias, de pensamentos sobre tudo e todos. Quanta coisa boa tinha feito! E as histórias que seu avô contava! Ele gostava de ouvir tudo em silêncio, mas também não perdia a oportunidade de sempre perguntar alguma coisa, não porque tinha entendido direito, mas simplesmente para que seu avô soubesse que ele estava acompanhando tudo bem atento.

E o melhor de tudo era que seu avô sabia bem como dizer as coisas de um jeito muito simples. Não era como alguns professores que gostavam de explicar coisas simples com palavras complicadas. Parecia que seu avô falava direto ao coração dele, como se as histórias que ele contava estivessem sempre ali, guardadas, à espera de que ele viesse apenas para ouvi-las.

Por isso, naquela noite, antes de dormir, como o sono demorava, ele abriu a janela do quarto e deixou que a noite suave entrasse. Era uma noite de céu claro, quase sem nenhuma nuvem, apenas a lua solitária e as estrelas piscando na imensidão. Um vento fresco levava o cheiro do sertão para dentro do quarto; alguns pirilampos lá longe e o barulho dos grilos; tudo parecia fazer daquela noite um momento muito especial. E foi assim que ele adormeceu profundamente.

Felipinho acordou cedo com o cheiro do café e não perdeu tempo. Mal abriu os olhos, escovou os dentes e foi para a cozinha, onde seu avô já o esperava com a mesa do café pronta.

— Bom dia, menino! — disse o avô. Vamos tomar café e depois dar uma volta pelo sítio; precisamos fazer algumas coisas e também conversar sobre as perguntas que você me fez ontem.

Eles passaram algum tempo cuidando das coisas do sítio, como alimentar os animais, cuidar de umas plantas e, enquanto fazia isso, o avô ia explicando sobre a imensa riqueza do sertão.

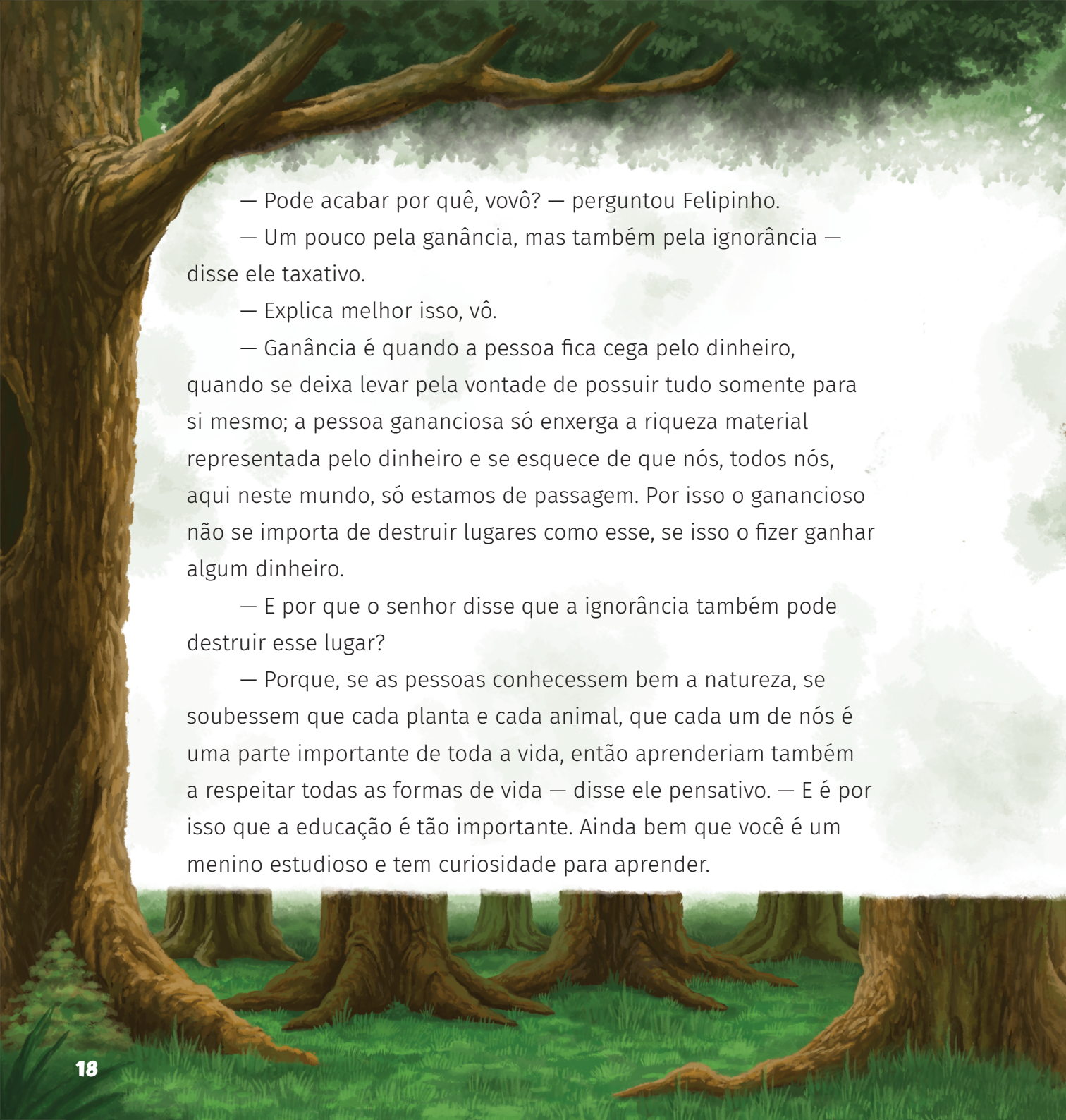


— Muita gente passa por aqui e pensa que o sertão é um lugar pobre, sem vegetação nem animais, mas, se você olhar com mais cuidado, perceberá que cada uma dessas plantas e cada um dos animais que aqui vivem fazem daqui um lugar único no mundo inteiro — disse Seu Gustavo.

— Meu professor de Geografia — respondeu Felipinho — disse que a Caatinga só existe no Brasil e que, por isso, muitas plantas e animais não existem em nenhum outro lugar do planeta. Isso é mesmo verdade?

— Claro que sim, talvez por isso a maioria das pessoas ainda não conheça bem essa riqueza toda. Veja só: caroá, xique-xique, umbuzeiro, palma e mandacaru, a jurema e a carnaúba são árvores e plantas que fazem parte dessa paisagem. E somente aqui vive a ararinha azul, que está ameaçada de extinção. Mas aqui também você pode encontrar o sapo cururu, a asa branca, a cutia e o preá, o tatu-peba e muitos outros animais. O sertão é mesmo muito lindo — disse por fim seu Gustavo com um sorriso no rosto.

— Mas é uma pena que tudo isso pode acabar um dia, completou ele pensativo.



— Pode acabar por quê, vovô? — perguntou Felipinho.

— Um pouco pela ganância, mas também pela ignorância — disse ele taxativo.

— Explica melhor isso, vô.

— Ganância é quando a pessoa fica cega pelo dinheiro, quando se deixa levar pela vontade de possuir tudo somente para si mesmo; a pessoa gananciosa só enxerga a riqueza material representada pelo dinheiro e se esquece de que nós, todos nós, aqui neste mundo, só estamos de passagem. Por isso o ganancioso não se importa de destruir lugares como esse, se isso o fizer ganhar algum dinheiro.

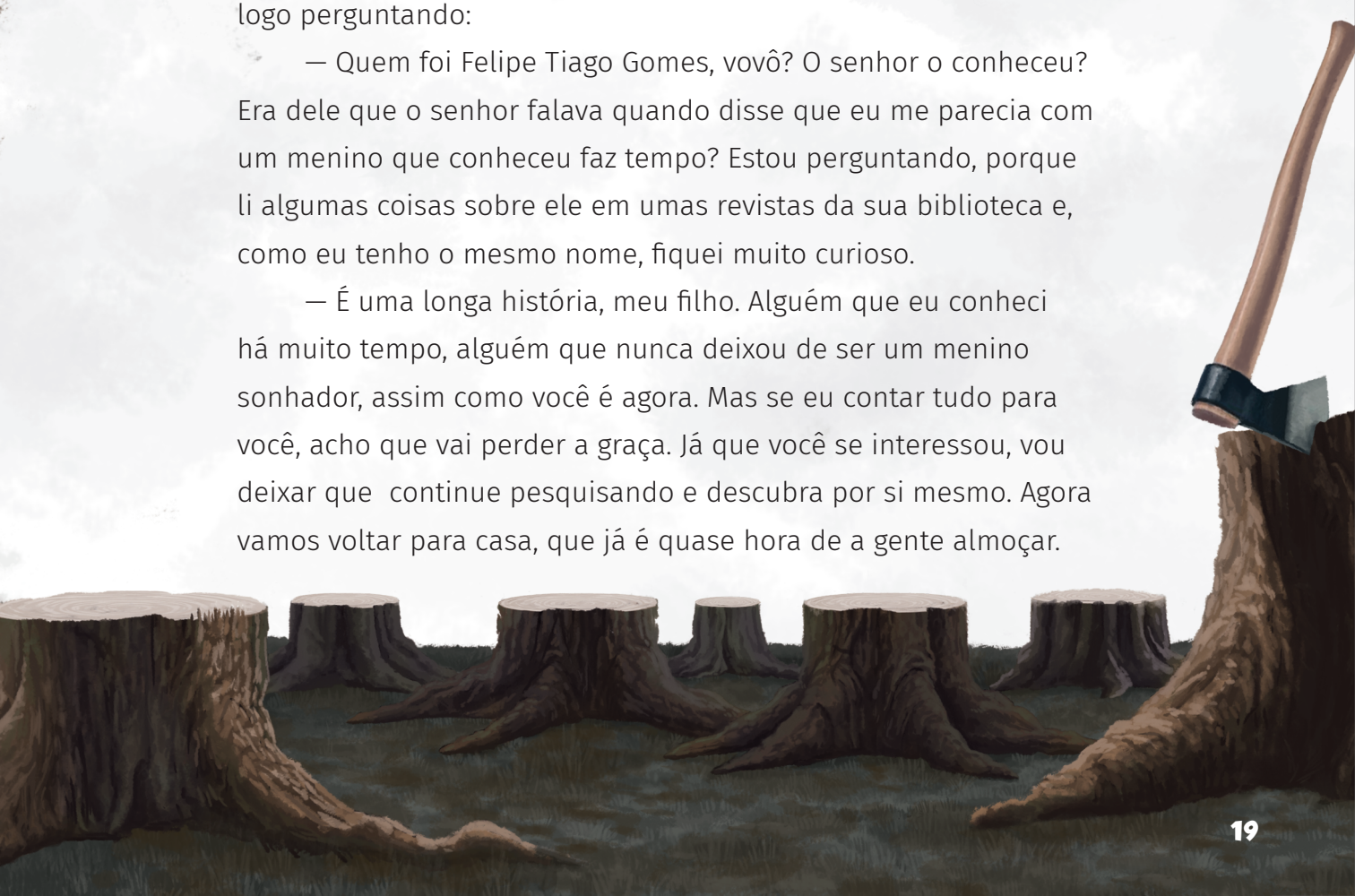
— E por que o senhor disse que a ignorância também pode destruir esse lugar?

— Porque, se as pessoas conhecessem bem a natureza, se soubessem que cada planta e cada animal, que cada um de nós é uma parte importante de toda a vida, então aprenderiam também a respeitar todas as formas de vida — disse ele pensativo. — E é por isso que a educação é tão importante. Ainda bem que você é um menino estudioso e tem curiosidade para aprender.

Felipinho não disse nada, mas qualquer um podia ver que ele estava muito feliz por estar ali com seu avô, andando pelo sítio e aprendendo tanta coisa nova sobre o sertão, sobre a vida e a importância de se aprender cada vez mais. Talvez por estarem conversando sobre aquelas coisas, de repente Felipinho se lembrou de umas revistas e livros antigos que tinha visto na biblioteca e foi logo perguntando:

— Quem foi Felipe Tiago Gomes, vovô? O senhor o conheceu? Era dele que o senhor falava quando disse que eu me parecia com um menino que conheceu faz tempo? Estou perguntando, porque li algumas coisas sobre ele em umas revistas da sua biblioteca e, como eu tenho o mesmo nome, fiquei muito curioso.

— É uma longa história, meu filho. Alguém que eu conheci há muito tempo, alguém que nunca deixou de ser um menino sonhador, assim como você é agora. Mas se eu contar tudo para você, acho que vai perder a graça. Já que você se interessou, vou deixar que continue pesquisando e descubra por si mesmo. Agora vamos voltar para casa, que já é quase hora de a gente almoçar.




I II III
A Ā
G Ģ
L Ļ
R Ŗ
F Ē
K Ķ
Q Ū
Z Ž

Capítulo 3

Uma lição de vida

Um costume antigo que Seu Gustavo fazia questão de respeitar era tirar um cochilo depois do almoço. Aliás, Felipinho tinha percebido de outra vez que estivera passeando pelas redondezas que, em muitas cidades pequenas, aquilo era como uma lei. O comércio todo fechava as portas na hora do almoço. Se alguém que não conhecesse aquele costume passasse por ali, pensaria que se tratava de uma cidade fantasma ou coisa parecida.

Mas até que ele gostava daquilo! Não era como na cidade grande, onde as pessoas quase nem paravam, algumas almoçavam rápido e mais rápido ainda voltavam para suas ocupações. E, como ele estava de férias, não se importava mesmo em seguir o ritmo do sítio ou das cidades pequenas. Depois do almoço e do cochilo, ele acordou e ficou ainda um pouco na rede, pensando no que ia fazer em seguida. O mundo lá fora o chamava, com suas aventuras de brigar com dragões e outros bichos encantados. Talvez um passeio pelo mato ou um banho no açude.

Mas o que ele resolveu foi voltar para a biblioteca, pois ali estava a chave dos segredos, ali ele também poderia descobrir mundos novos e viajar por lugares tão fantásticos como o sítio do seu avô. Além disso, havia aquela história que ele tinha começado a ler e que o estava incomodando. Ele queria saber das respostas. E elas estavam todas naquele livro.

"Felipe Tiago Gomes — A Campanha" era o nome do livro.

Logo que começou a ler, ele entendeu tudo. Soube por que o avô disse aquelas coisas e sentiu também que a história daquele menino mágico "que desafiou o destino e fez da própria vida uma lição" tinha algo a ver com a sua, porque ele também sentia, bem no fundo do seu coração, uma vontade sem fim de ajudar as pessoas, de consertar o que ele achava que era errado e de aprender tudo que pudesse.

Foi lendo esse livro que ele soube da história que ia mudar a sua vida para sempre. Ele sentiu algo bom e, ao mesmo tempo, estranho dentro de si mesmo ao descobrir que, bem perto de onde ele estava, havia nascido e crescido um menino com o mesmo nome que o seu: Felipe. Embora de mesmo nome e com muitas coisas em comum, aquele menino tinha tido uma infância pobre e difícil.

Aquele menino havia aprendido a brincar descalço entre os juazeiros e a trabalhar na enxada desde cedo. E isso não era uma exceção, porque a maioria das crianças daquela época tinha que ajudar os pais na roça ou no que os pais fizessem. E tinha que ser assim. Muitos não "vingavam", como se dizia dos que morriam muito cedo, por conta das dificuldades que atingiam a todos.

Talvez exatamente por ter nascido naquele ambiente cheio de dificuldades e numa família pobre, Felipe Tiago tivesse percebido que grandes oportunidades poderiam ser abertas se ele estudasse, se pudesse estudar e ir além do que boa parte dos seus amiguinhos tinha conseguido.

Felipinho leu e, com isso, descobriu também que, além do esforço e da vontade de aprender, a gente precisa da ajuda daqueles que nos amam: da nossa família e dos verdadeiros amigos. Ele soube disso quando viu que seu xará, o Felipe Tiago, tinha começado a estudar em casa mesmo, e sua primeira professora foi sua irmã, chamada Francisca, uma das poucas pessoas na cidade que tinha conseguido concluir o curso primário.

As aulas eram sempre à noite, pois os dias eram de muito trabalho duro para todos, e aconteciam sempre à luz de lamparina.



— Como alguém pode estudar à luz de lamparina? — pensou em voz alta.

Mas assim era, pois energia elétrica era um luxo existente só nas grandes cidades e nas casas dos mais ricos.

Quanta diferença entre as duas escolas! A de Felipinho tinha de tudo: bons professores, salas amplas e iluminadas, carteiras novas e confortáveis, banheiros sempre limpos, quadra de esportes, um grande pátio onde brincavam durante o recreio, livros novos e atualizados e todo tipo de aparelhos eletrônicos para ajudar a entender as diversas matérias.

Já a escola em que Felipe Tiago tinha estudado nem era uma escola direito: era apenas um quarto da casa da professora Maria Nativa, onde se juntavam crianças de toda a vizinhança. Nem cadeiras havia para sentar, os meninos e meninas sentavam no chão mesmo. Ele ia para essa escola na companhia dos irmãos mais velhos e era considerado a "mascote" da turma, porque era o mais novo: levava até um vidrinho de leite junto com o caderno e o lápis.

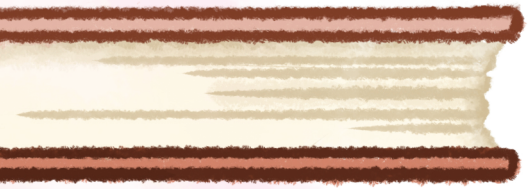




À medida que ia lendo o livro, Felipinho mais e mais se apaixonava por aquela história. Ele estava lendo a história de um verdadeiro herói. Não um daqueles que ele estava acostumado a ver na televisão ou nos filmes, com superpoderes que salvam o planeta; mas um herói simples, um menino, como ele, que tinha acreditado em si mesmo e, desde bem cedo, tinha aprendido uma valiosa lição de vida: por maiores que sejam as dificuldades, elas podem ser vencidas com esforço, com conhecimento e ajuda dos amigos.

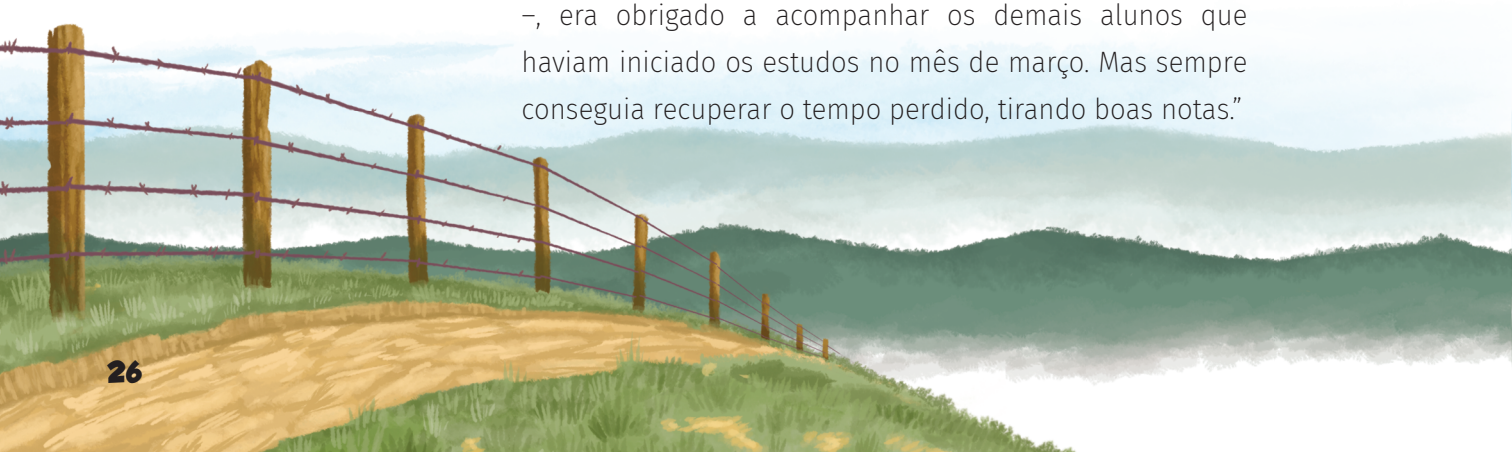
— Os amigos são tudo na vida! — pensou de novo em voz alta, ao ler a passagem na qual ele soube como Felipe Tiago tinha conseguido prosseguir seus estudos para além do quarto da professora Maria Nativa.

O pai de Felipe Tiago, Elias, tinha percebido o interesse de seu filho pelos estudos e resolveu que apenas o que a professora Maria Nativa podia oferecer não seria o suficiente para que seu filho rompesse as estreitezas daquele local. Por isso matriculou-o em uma escola na cidade próxima. Para frequentar essa escola, Felipe tinha que percorrer, a pé, todos os dias, sete quilômetros até o centro da cidade, pois sua família ainda morava no sítio.



— Sete quilômetros! Todos os dias! — pensou Felipinho. Ele não deixou de sentir-se um pouco desconfortável, pois seu pai — às vezes sua mãe — o levava de carro todos os dias para a escola. E então ele pensou de novo em como aquele menino havia se esforçado apenas para ir até a escola mais próxima de sua casa. Continuou lendo e viu de novo quanta diferença existia entre as escolas de antigamente e a que ele frequentava agora:

> "Na escola, meninos e meninas, de todas as idades, estudavam juntos na mesma sala, que era arrumada em filas com bancos de madeira. Os que estavam na quinta série, mais adiantados, ficavam na frente. Já os alunos de segunda série, mais atrasados, e que, portanto, precisavam de mais atenção, sentavam no fundo da sala. Felipe não entendia muito bem essa arrumação, mas tratou de fazer a sua parte, estudando dia e noite. Como passou a frequentar a escola somente no segundo semestre de cada ano letivo – pois no primeiro tinha que cuidar da lavoura e do gado –, era obrigado a acompanhar os demais alunos que haviam iniciado os estudos no mês de março. Mas sempre conseguia recuperar o tempo perdido, tirando boas notas."



De fato, pensou ele, Felipe tinha sido um verdadeiro herói. Apesar de todo aquele esforço, ele ainda "estava destinado ao cabo da enxada", como muitos outros da sua idade. Todo aquele esforço teria sido inútil não fosse a ajuda de um amigo da família que acompanhava de perto a trajetória do menino.

Felipinho estava tão envolvido com a história contada no livro que nem viu quando o avô entrou, encontrando-o sonhando acordado:

— Parece que você descobriu a história do menino que eu lhe falei...

— O senhor conheceu ele, vovô? Ele era seu amigo? Tudo isso sobre as escolas e as dificuldades para estudar é verdade mesmo?

— Sim, meu filho, eu e Felipe fomos grandes amigos e, durante muito tempo, dividimos as dificuldades de um estudante pobre. Junto com outros amigos, nós começamos um movimento que desejava dar oportunidades de estudo para todos os jovens pobres do Brasil — disse Seu Gustavo.

Felipinho escutou tudo em silêncio, e seus olhos brilharam de admiração pelo avô, quando o ouviu dizer que tinha conhecido Felipe Tiago pessoalmente e junto dele tinha sofrido e lutado tantas vezes.

Ele já admirava o avô pela simplicidade, paciência e pela luz que emanava dos olhos. Passou, a partir daquele instante, a gostar ainda mais dele a ponto de considerá-lo também um grande herói.

— Felipe — continuou o avô — foi uma daquelas pessoas raras, das que nascem apenas uma a cada cem anos. E eu tive o privilégio de conhecê-lo. Ainda menino, ele começou essa luta libertando-se por meio do conhecimento, da educação. Não demorou muito e ele percebeu que havia milhões como ele em todas as partes.

— Foi por isso que ele quis ajudar essas pessoas?

— Sim, ele percebeu que muitas crianças e jovens também tinham o mesmo amor pelos livros e pela educação, mas eram pobres e não podiam pagar pelos estudos.

— Mas por que eles não estudavam em escolas públicas?

— Porque naquele tempo, depois do primário, a criança tinha que passar pelo ginásio e depois pelo curso secundário e só depois, se passasse em um Vestibular, podia entrar em uma universidade. As escolas que tinham curso ginasial eram poucas e só existiam nas capitais e cidades grandes e era preciso ser de família rica ou ter amigos importantes para conseguir estudar nelas.

Felipinho ouvia tudo em silêncio, pensando naqueles tempos difíceis e em como era privilegiado só por ter uma família que o amava e por ter acesso a uma boa escola, sem qualquer sacrifício para si mesmo.

— A educação — prosseguiu o avô — é sempre irmã da liberdade. Por isso Felipe Tiago, eu e outros nos juntamos para que muitos que passavam pelas mesmas dificuldades pudessem ter alguma oportunidade na vida. Tudo começou com ele, com os sonhos que ele tinha. Ele abriu muitas portas, acendeu uma luz e nós o ajudamos nessa tarefa.

Felipinho estava ansioso para continuar lendo o livro e ouvindo os comentários do avô, mas este o interrompeu:

— Mas chega de livros por hoje. Vá brincar no mato ou tomar um banho no açude. Suas férias estão quase acabando e é melhor você fazer coisas que não pode fazer na cidade. Dizendo isso, pegou o livro das mãos de Felipinho, colocou-o de volta na estante e os dois saíram.





Capítulo 4:

Saudades de casa e da turma

Felipinho tinha aproveitado muito bem aquela temporada no sítio, mas depois de alguns dias ele começou a sentir saudade de casa, ou melhor, da sua segunda casa, que era a escola. Ele tinha aprendido muitas coisas novas junto com seu avô, mas não via a hora de voltar logo para a companhia de seus amigos, da sua turma, dos professores e de tudo de bom que tinha na escola.

Ele passou boa parte do dia pensando nos seus melhores amigos, como a Frida, aquela menina que se comportava como um moleque e não se importava de jogar bola ou brincar de carrinho com outros meninos iguais a ele. O que ele mais gostava nela era esse jeito diferente e porque ela sempre era a primeira a defender qualquer pessoa — amiga ou não — que estivesse sendo discriminada por alguém. Uma vez — lembrou ele — ela tinha "comprado uma briga" com alunos de outra turma porque eles estavam fazendo piadas sobre o cabelo do Giba. A discussão só não deu briga porque o Giba mesmo logo falou:





— Não liga não, Frida, eles estão falando isso só porque não conseguiram me derrotar no jogo de basquete!

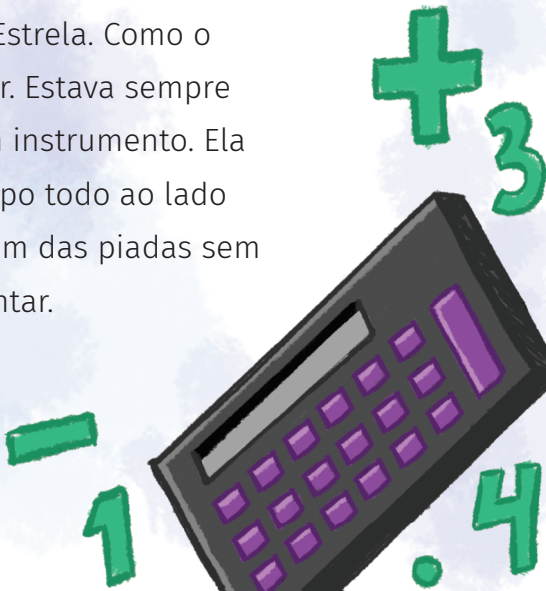
Felipinho não gostava muito de admitir isso, mas de quem mais ele sentia falta era da Marina. Ele achava que ela era a aluna mais bonita da sala, ou melhor, a mais bonita da escola. Ela se sentava bem na primeira fila, longe da "turma do fundão", e era sempre a que primeiro levantava a mão quando algum professor fazia uma pergunta para a turma, principalmente se a aula fosse de Matemática, Química ou Física. Ele chegou a ficar um pouco preocupado, quando um dia ela disse:

— Às vezes, você é muito bobo por se preocupar tanto em ajudar outras pessoas.

Mas logo o desconforto passou porque ele sabia que, bem no fundo, ela admirava exatamente isso nele.

Outra de suas amiguinhas prediletas era a Estrela. Como o próprio nome dizia, ela tinha nascido para brilhar. Estava sempre cantando alguma canção nova ou tocando algum instrumento. Ela sentava ao lado do Kojiro e passava quase o tempo todo ao lado dele, porque era uma das únicas pessoas que riam das piadas sem graça e fora de hora que ele tanto gostava de contar.





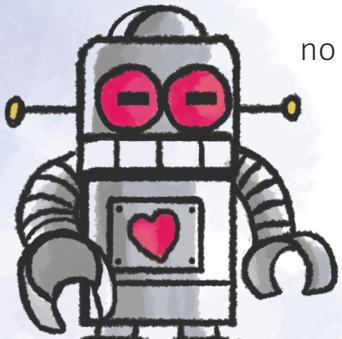
Tinha também a Babi, que todos consideravam a aluna mais inteligente da turma. Não só porque tinha liderado a equipe do colégio na olimpíada de robótica, mas também porque vivia inventando fórmulas e maquinismos estranhos. O que a aproximava dele é que ela também era muito apegada aos livros, histórias em quadrinhos e filmes de ficção científica.

— Quando você crescer, podia escrever um filme de ação e ficção científica no qual eu fosse o herói — disse uma vez Felipinho.

— Um herói que salvasse uma mocinha chamada Marina? — brincou ela.

Felipinho estava nesses pensamentos quando o pai chegou ao sítio para levá-lo para casa. Como já tinha deixado suas coisas arrumadas, ele aproveitou que o pai e o avô estavam conversando e saiu um pouco para dar uma última olhada no sítio. Mas não foi longe, só caminhou um pouco em torno da casa, olhou para o grande pé de seriguela a cujas sombras havia escutado tantas histórias de seu avô. Nesse momento, sentiu seu pequeno coração como que se expandindo dentro do peito.

Sentiu-se feliz por estar ali no meio do mundo, no melhor lugar do mundo, sentiu-se feliz por ter





um avô tão amoroso e com tanta história de vida. Apesar da idade avançada, parecia que nunca lhe faltavam forças para ajudar alguém numa necessidade, nem que fosse apenas com um conselho.

Ele pensou também em tudo que havia descoberto sobre o outro Felipe, aquele que fora amigo e companheiro de seu avô. Teria ele conseguido se formar como o avô? E o que fizera depois? Talvez tivesse se casado, tido filhos e netos, netos como ele mesmo. E qual teria sido o resultado daquela campanha por ginásios para crianças pobres? De repente, ele percebeu que ainda sabia bem pouco, sabia muito pouco diante do que desejava saber. Seu avô e o livro tinham respondido a algumas perguntas, mas ele não tivera tempo de seguir a leitura até o final.

De qualquer forma, tudo que havia descoberto sobre como era difícil a vida para as crianças daquele tempo em que seu avô era menino, com escolas improvisadas onde ainda imperava o castigo da palmatória, tinha feito com que ele começasse a prestar mais atenção à sua própria vida. Começou a pensar então no conforto que sua família lhe proporcionava, pois não lhe faltava nada em casa nem na escola. Achava mesmo que tinha tudo que um menino de sua idade precisava para ser feliz.



Estava enleado nesses pensamentos quando o pai o abordou:

— Felipinho, venha se despedir do seu avô, que precisamos ir.

Então ele voltou-se, foi ao encontro do avô e abraçou-o como se fosse um pequeno náufrago agarrando uma boia no oceano tempestuoso. O avô retribuiu o carinho e ficaram por segundos ali, abraçando-se sem dizer nada. Até que ele disse:

— Obrigado por tudo, vovô, você é o melhor avô do mundo, é o meu herói.

Seu Gustavo segurou as lágrimas e disse:

— Você é um menino muito especial. Espero que tenha tido uma boa estada aqui e que tenha aprendido algo importante. Vou te esperar para as próximas férias!

Então, terminaram de se despedir e Felipinho e seu pai partiram. Felipinho estava tão emocionado com os últimos acontecimentos, com tudo que tinha aprendido sobre o passado de seu avô e sobre a própria vida que nem prestou atenção à paisagem enquanto seu pai dirigia o carro em direção à cidade. Seus olhos começaram a ficar pesados e logo ele adormeceu. Só voltou a acordar quando já estavam na cidade, indo em direção ao condomínio onde moravam.





Ele estava ainda meio sonolento quando o pai parou o carro no semáforo. Então, ele viu um menino, mais ou menos da sua idade, só que bem mais magro e malvestido, vindo na direção do carro.

— Compra um chiclete, tio?! — disse o garoto, estendendo a mão e mostrando uma caixa onde expunha alguns doces, balas e chicletes.

Antes que pudesse responder, o sinal abriu, e o pai dele teve de seguir o fluxo do trânsito. Mas Felipinho não conseguia esquecer aquela cena. Será que aquele menino estudava? – pensou consigo mesmo. E, se estudasse, seria em uma escola como a sua? Provavelmente não, concluiu decepcionado.

Começou então a pensar que talvez ainda existissem crianças como aquelas do tempo do seu avô, que não tinham condições de estudar ou que estudavam em escolas de péssima qualidade e que, por isso mesmo, não teriam muito futuro.



Quando chegou a sua casa, quis logo desfazer a mala com suas roupas e brinquedos. Para sua grande surpresa, no meio das suas coisas, encontrou aquele livro:

— “Felipe Tiago Gomes — A Campanha” — leu em voz alta o título.

— Pai, pai, pai! — disse ele enquanto ia para sala onde o pai estava.

— O que foi, Felipinho? — perguntou o pai.

Sem responder, apenas mostrando o livro, ele esperou por uma resposta. E o pai disse:

— Ah! Isso foi uma surpresa do seu avô. Ele me disse que você tinha começado a ler esse livro e não teve tempo de terminar, por isso ele deu de presente para você. Enquanto você estava no quintal, ele mesmo colocou na sua mala e pediu que eu não dissesse nada, para não estragar a surpresa. Mas, antes de começar a ler, é bom colocar suas coisas em ordem. Amanhã você precisa acordar cedo porque tem aula.




Bem-Vindos



Capítulo 5

Volta para casa e para as aulas

Como era de costume, nas primeiras aulas de Língua Portuguesa a professora Clarice pediu que cada um improvisasse um pequeno relato sobre o que tinha feito nas férias. Antes que qualquer um levantasse a mão para perguntar alguma coisa, ela foi logo explicando:

— Não quero um relatório por escrito, é apenas para cada um falar sobre o tema. Também não vale nota, mas é importante que todos participem. Vamos socializar e dividir nossas experiências antes de a gente começar uma matéria nova.

A professora nem tinha acabado de explicar e Marina foi logo levantando a mão para contar as suas novidades:

— Eu passei uns dias revisando as matérias do último semestre e...

— Ela é tão **CDF*** que estuda até nas férias! — atalhou Kojiro antes que Marina terminasse.

*** CDF é uma sigla usada para chamar uma pessoa muito inteligente ou dedicada aos estudos. CDF significa "cabeça de ferro" ou "crânio de ferro" porque a pessoa estuda tanto que se presume que, se tivesse um crânio normal como os demais, esta cabeça não resistiria e poderia estourar.**

— E você devia ser educado “até” na sala de aula! — disse Frida com um jeito irônico.

Antes que a turma toda começasse a conversar ao mesmo tempo, a professora Clarice interrompeu:

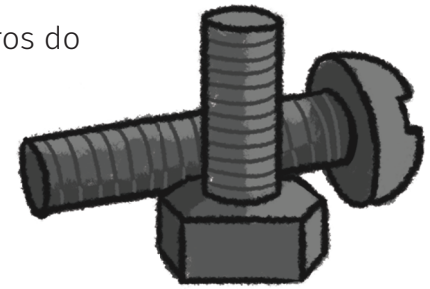
— Deixem a Marina terminar a história dela, depois cada um pode falar, um de cada vez, por favor.

— ... Depois que eu tinha colocado todas as disciplinas em dia — continuou Marina —, ajudei meu pai a revisar o orçamento mensal lá de casa. Também coloquei em ordem o meu guarda-roupas, organizei as roupas, as bolsas e os sapatos. Mas o que melhor fiz foi ir ao shopping com minha tia que estuda moda. Ela me atualizou sobre as últimas tendências e até compramos umas blusinhas.

— Professora, professora! Deixa eu falar agora! — disse Kojiro logo que Marina concluiu. E foi logo falando:

— Eu e meus pais passamos as férias na casa de meu tio, que mora lá em Assaí, no Paraná. Lá fica localizada a maior colônia de nipo-brasileiros de todo o Brasil. Muitas famílias lá praticam o Budismo e eu fiz muitos amigos fãs de animes, Cavaleiros do Zodíaco, Dragon Ball, Power Ranger e Jaspion.





Além disso, eu aproveitei para trocar vários mangás.

— Depois você me empresta esses mangás novos? — perguntou Babi, que também não resistia a uma boa história em quadrinhos.

— Claro que sim! — disse Kojiro.

— Vou ler eles todos depois que terminar de construir meu laboratório caseiro de robótica, continuou ela. Eu passei as férias nesse projeto. Meu pai deixou eu usar uma parte da garagem para organizar minhas coisas, então agora vou ter meu próprio espaço. É bom ter minhas coisas por perto, porque assim eu posso pegá-las na hora que quiser — completou Babi, toda sorridente.

— Eu também gosto de pegar as coisas e olhar elas bem perto — interrompeu Cadu, que tinha ficado em silêncio até então. Eu gosto muito de colocar a mão nas coisas que eu acho bonitas.

— E o que você fez durante as férias, Cadu? — perguntou a professora Clarice.

Como de costume, ele demorou um pouco para responder, mas a professora e a turma já sabiam que ele tinha um ritmo mais lento, por isso nem se importaram e esperaram que ele respondesse:



— Nós fomos para a praia. — disse. — Eu gostei de ficar vendo o mar. E de andar na praia. E de catar conchinhas. Eu trouxe pra minha casa muitas delas.

— A praia é um ótimo lugar pra gente treinar, mas eu espero que você tenha usado protetor solar e se hidratado bem — disse Giba, que sempre andava com uma garrafinha de água ou suco na mão.

— Eu usei protetor, sim. Bebi muita água também.

— Muito bem, Cadu! — disse a professora. — Mas e você, Giba, o que fez nas férias?

— Acho que ele deve ter passado as férias em alguma competição de basquete! — brincou Kojiro.

— Competindo não, Kojiro, treinando bastante. Eu nunca perco uma oportunidade de treinar para melhorar minha técnica. Mas eu também assisti a muitos jogos da **NBA***, porque eu gosto de

*** A National Basketball Association é a principal liga de basquetebol profissional da América do Norte. Com 30 franquias sendo membros, a NBA também é considerada a principal liga de basquete do mundo. https://pt.wikipedia.org/wiki/National_Basketball_Association.**

aprender os estilos dos melhores e um dia ainda vou jogar com eles! — disse Giba com aquele tom desafiador de quem não perde uma chance de competir.

— E você, Estrela, o que fez de bom nas férias?

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, foi Kojiro quem falou:

— Acho que ela passou as férias procurando unicórnios ou conversando com fadas!

— Não seja chato, Koji! — disse Frida. — Que importância tem se ela acredita em unicórnios? Você acredita em heróis como Cavaleiros do Zodíaco, Dragon Ball, Power Ranger e Jaspion; por que ela não pode procurar unicórnios?





— Mas isso é diferente — retrucou Kojiro. — E também eu não disse por mal...

— Seja como for, é melhor deixar ela mesma falar, Kojiro — disse a professora.

Então Estrela continuou:

— Na verdade, o Koji meio que acertou: eu passei as férias procurando fadas e unicórnios. Pedi um presente pra minha mãe e ela me deu: comecei a fazer uma coleção de unicórnios e fadas: agora tenho uma blusinha com estampa de unicórnio, um caderno com capa de unicórnio, vários pôsteres com estampas de fadas e unicórnios, além de muitas figurinhas de unicórnios que eu vou colar em todos meus instrumentos e materiais escolares.

— Já que é assim, vou fazer um desenho de unicórnio bem legal pra estampar seu quarto, Estrela. — disse em seguida Frida, que continuou falando:

— Este ano, meus pais não quiseram viajar nas férias, então eu aproveitei para pesquisar sobre alguns artistas plásticos modernos aqui do Brasil e da América Latina. Eu aprendi bastante sobre as brasileiras Tarsila do Amaral e Anita Malfatti. Tem também um argentino chamado Xul Solar, que foi influenciado pelas vanguardas

europeias, e o mexicano Diego Rivera; mas quem eu mais admiro é minha xará, a mexicana Frida Khalo.

— Vejo que suas férias foram muito produtivas! — disse então a professora Clarice. — Alguém mais quer contar suas aventuras? — perguntou.

Então, Felipinho, que tinha ficado quieto até aquele momento, disse:

— Eu tive as melhores férias da minha vida até agora. Eu passei as férias no sítio do meu avô. É um dos lugares mais bonitos do mundo! Tem quase todo tipo de fruta: melancia, caju, cajá, seriguela, goiaba, manga, pinha, tamarindo, graviola, mangaba, acerola e muitas outras. Tem uma parte do sítio que é mata nativa mesmo, caatinga, que fica bem verde quando chove. Mas a melhor parte é que ele tem uma biblioteca quase tão grande quanto a da escola e eu passei muito tempo lá, lendo todo tipo de livro.





Capítulo 6:

Um grande problema requer uma grande solução

Quando o professor Matias entrou na sala de aula, todo mundo notou que tinha algo de errado. Ele era um daqueles professores com quem dá gosto estudar, porque ele não só sabia quase tudo sobre a matéria, mas também parecia amar o que fazia. Entrava na aula com um sorriso no rosto e, quando saía, a gente ficava querendo que a aula demorasse mais uns minutos para acabar.

Naquele dia, ele entrou de cabeça baixa e não sorriu. Até parece que o estado de espírito dele contaminou a turma toda, porque todos ficaram em silêncio e ninguém disse nada. O professor sentou-se na sua cadeira e ficou olhando a turma com uma cara de tristeza. Dava para qualquer um notar que tinha acontecido algo de muito grave e que ele não estava com coragem de dizer.

Foi Giba quem quebrou o gelo, perguntando de supetão:

— Aconteceu alguma coisa, professor? Até parece que o senhor viu um fantasma!

Antes que ele respondesse, Marina, que quase nunca falava nada nas aulas de História, foi logo falando:

— Pode dizer qual o problema, professor. Se for algum problema envolvendo matemática, eu resolvo na hora.

Vendo que o professor Matias continuava calado, Felipinho aproveitou a oportunidade para se levantar e falar bem alto, meio que esperando que Marina prestasse atenção nele:

— Professor, o senhor sempre diz que, com trabalho e organização, a gente pode resolver qualquer coisa. Então, fale logo o que está acontecendo, que tá todo mundo curioso e com vontade de ajudar.

Vendo que não teria outro jeito senão conversar com a turma, o professor Matias se levantou, foi para a frente do quadro e falou:

— Pessoal, o que eu tenho pra dizer não é muito agradável, mas de qualquer forma vocês vão ficar sabendo, então é melhor que seja agora. Ontem nós tivemos uma reunião com todos os professores, coordenadores e o diretor da escola. Ficamos sabendo que, por conta da crise econômica que o país atravessa, muitas escolas na cidade vão ter que fechar. Parece que a nossa escola é uma dessas. Tudo indica que, dentro de poucas semanas, a escola vai fechar e os alunos aqui

matriculados vão ser encaminhados para escolas de outros bairros. Com os professores vai acontecer o mesmo.

Foi então que, do nada, Kojiro disparou uma daquelas piadinhas inoportunas:

— Mas, se a escola fechar, nós vamos descobrir o lado bom dela.

— E que lado seria esse? — perguntou Marina.

— O lado de fora! — respondeu Kojiro, com um sorriso no rosto.

De imediato, ele percebeu que a piada tinha sido mais uma "bola fora" e só não ficou mais sem graça porque o professor sabia que Kojiro não tinha falado por mal, mas apenas não sabia ainda a hora e o jeito certo de contar uma piada. Por isso, assim que ele percebeu o desconforto da turma, foi logo dizendo:

— Eu sei que você está brincando, Kojiro, mas pense que, se a escola fechar mesmo, a primeira coisa que vai acontecer é a turma de vocês se desmanchar. Aqui a gente brinca junto, estuda junto, tem nossas discussões juntos e vocês até lancham juntos no recreio. Aqui vocês vivem como se fossem irmãos numa grande família, por isso mesmo eu vivo dizendo que a escola é a segunda casa de vocês. Mas, se a escola fechar, o que vai acontecer com essa família? Cada um vai pra um lado e pode ser que nunca mais se encontrem. Eu posso até



perder meu emprego – e não sei fazer outra coisa senão dar aulas de História — mas o pior de tudo é saber que a gente pode se separar.

Dizendo isso, o professor Matias se calou de novo e ficou cabisbaixo, parecendo que estava muito emocionado. Foi então que começou uma algazarra, todo mundo querendo falar ao mesmo tempo e cada um falando mais alto que o outro. Se alguém entrasse na sala naquele momento, não iria pensar que essa era uma das turmas mais comportadas da escola. Foi então que o Cadu, que quase nunca falava, mas prestava atenção a tudo, se levantou, atravessou a sala e foi ao encontro do professor. Matias parecia paralisado diante daquela algazarra e, pela primeira vez, parecia não saber o que dizer para que os alunos sossegassem. Então Cadu se aproximou dele e, sem dizer nada, deu-lhe um abraço, e eles ficaram ali, por uns segundos, abraçados, até que a turma toda reparou naquele gesto e fez silêncio de novo. Então Cadu soltou o professor e falou:

— Acho melhor a gente se acalmar. Desespero e bagunça não vão resolver nada. Se a gente puder analisar tudo com calma, se cada um falar o que pensa e todos ouvirem em silêncio, pode ser que a gente pelo menos possa ajudar a resolver isso tudo.

Felipinho tinha ouvido toda aquela algazarra sem participar dela, em silêncio, como quem procura uma solução para um problema muito



grave. Então, ele se lembrou dos dias que tinha passado no sítio dos seus avós. Mas ele não se lembrou das brincadeiras no mato nem dos banhos na represa. O que lhe veio à memória foi a figura do seu avô contando-lhe aquelas histórias, de como a vida tinha sido difícil nos tempos em que ele era criança, das dificuldades que teve para aprender a ler e a escrever e de como foi difícil seguir adiante até se tornar um advogado.

Ele lembrou, também, conforme o avô havia lhe contado, de como o pai de Felipinho tinha resolvido sair do sítio da família e mudar-se para a cidade só para que, um dia, seus filhos tivessem uma escola boa, onde pudessem aprender o necessário para serem boas pessoas e conquistarem uma vida muito melhor.

Foi então que ele, pela primeira vez na vida, começou a perceber o quanto ele gostava de estar ali, naquele lugar, com aquelas pessoas, fazendo exatamente aquilo que o pai e o avô tanto se esforçaram para que ele conseguisse: ele percebeu que amava a escola, que amava estudar, e não só porque na escola ele tinha feito os melhores amigos até agora, não só porque gostava de estudar até mesmo as matérias daqueles professores que eram chatos. Ele percebeu que a educação que ele estava recebendo naquela escola era a chave para a transformação do seu futuro.



Naquele instante, tudo pareceu fazer sentido. Foi aí que Felipinho falou de novo:

— Nessas férias, eu percebi que gosto muito da nossa escola. Muitas crianças da nossa idade não têm condições de estudar em uma escola tão boa. E eu não sei o que faria se a escola fechasse, porque, além de tudo, eu gosto muito desta turma.

— Todo mundo gosta, né, Felipinho — disse Marina —, mas o que a gente pode fazer?

— Não sei ainda — respondeu ele —, mas alguma coisa precisa ser feita. Ou você quer que a escola feche?

— Acho que ninguém quer isso, né?! — interrompeu Babi. Ela continuou:

— Antes de tudo, vamos nos organizar. Precisamos saber exatamente o que está acontecendo e daí a gente vê como pode ajudar a resolver o problema.

— Por que a escola vai fechar, professor? — perguntou Cadu.

— Nossa escola é pública, depende de recursos do governo e, no momento, parece que a crise econômica fez com que ele tenha que gastar menos. Por isso vão fechar algumas escolas e talvez a nossa seja uma delas.





Então o Giba falou:

— Olha, pessoal, eu não tenho a solução no momento, mas acredito que, se a gente se unir, se jogar junto como uma equipe, a gente pode vencer e impedir que a escola seja fechada. Vamos pensar num jeito!

Enquanto a turma discutia o problema, Felipinho se lembrou de tudo que tinha lido no livro, lembrou-se também daquilo que o avô contara sobre as dificuldades para estudar e para criar os filhos, dificuldades que talvez seu pai também tivesse passado e que, com certeza, muitas pessoas ainda passavam todos os dias.

Lembrou-se que "o outro" Felipe, aquele do livro, tinha enfrentado dificuldades bem maiores ainda quando tinha mais ou menos a idade dele agora, como ter de caminhar todos os dias sete quilômetros até a escola, ou de estudar no chão mesmo, sem carteiras confortáveis como aquela em que ele estava sentado agora. Ora, se ele tinha passado por tudo isso e vencido, usado as dificuldades como inspiração para vencer e, ainda mais, para organizar seus amigos e outras pessoas criando muitas escolas em todo o Brasil, então talvez ele e seus amigos pudessem salvar a sua escola. Assim ele pensou em silêncio.



> "E para que outros meninos sábios pudessem sonhar também, ele prometeu a si mesmo que trabalharia incansavelmente para semear o milagre da educação nos quatro cantos deste país."

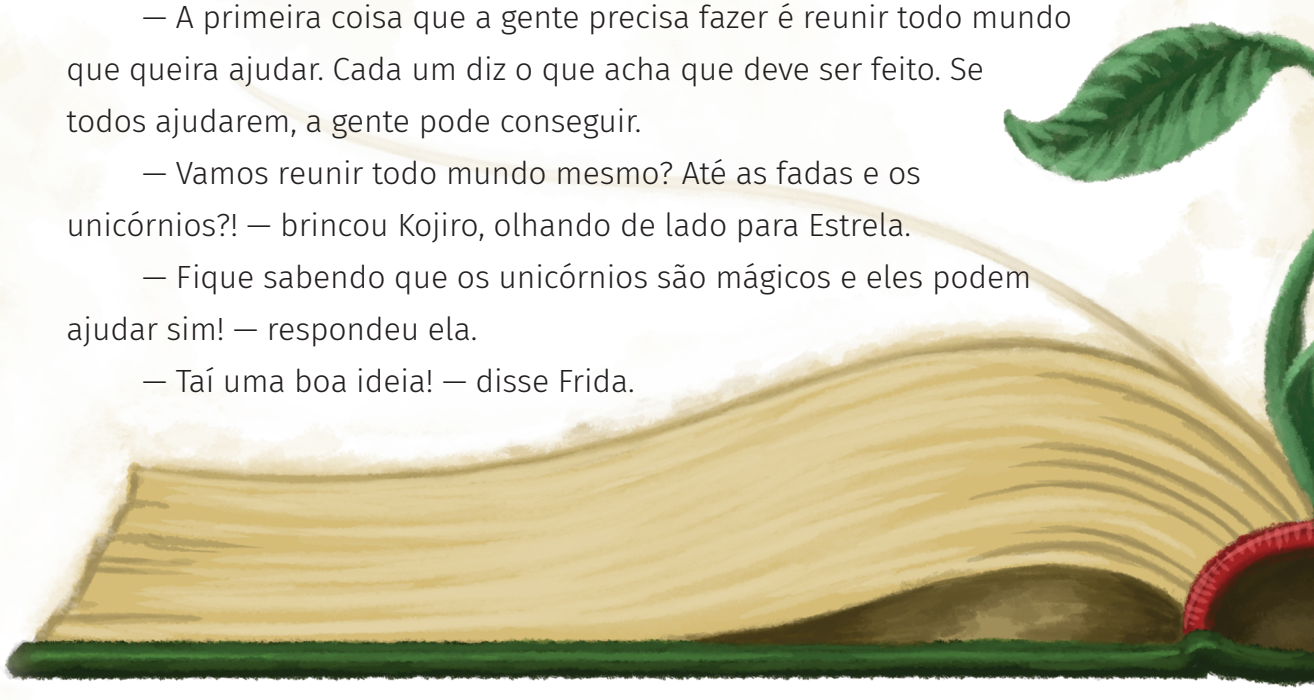
Felipinho se lembrou bem do que havia lido. E se sentiu assim: um menino sábio que, ao invés de ter um problema para ser solucionado, tinha diante de si uma oportunidade para fazer algo semelhante ao que seu xará fizera: trabalhar para a educação. A sua e de seus amigos. Talvez fosse pouco diante do exemplo que ele tinha, mas era uma semente. E ele sabia que apenas uma pequena semente é necessária para garantir bons frutos. E ele tomou para si o desafio:

— A primeira coisa que a gente precisa fazer é reunir todo mundo que queira ajudar. Cada um diz o que acha que deve ser feito. Se todos ajudarem, a gente pode conseguir.

— Vamos reunir todo mundo mesmo? Até as fadas e os unicórnios?! — brincou Kojiro, olhando de lado para Estrela.

— Fique sabendo que os unicórnios são mágicos e eles podem ajudar sim! — respondeu ela.

— Taí uma boa ideia! — disse Frida.



— Reunir os unicórnios?!

— Claro que não, Koji! Estou falando da gente reunir todo mundo, todos os alunos da escola, nossos pais e mães, nossos professores, coordenadores, todos os funcionários, os vizinhos, todo mundo que possa e queira ajudar.

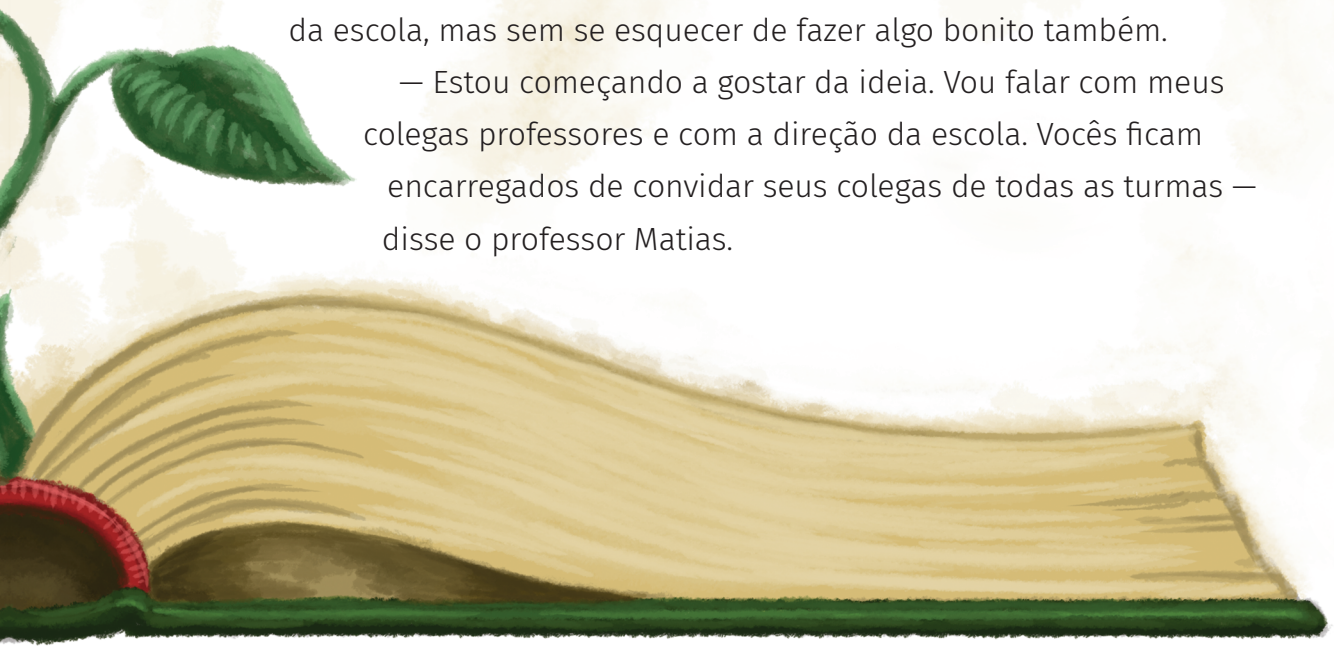
— Trabalho em equipe! É disso que estou falando! — disse Giba.

— Mas será melhor se a gente fizer uma reunião diferente — falou Frida.

— E como você acha que tem que ser essa reunião? – perguntou o professor Matias, que tinha ficado só observando a discussão entre os alunos.

— Olha, professor, acho que tem que ser um acontecimento alegre, com música, dança, apresentações culturais. A gente discute a situação da escola, mas sem se esquecer de fazer algo bonito também.

— Estou começando a gostar da ideia. Vou falar com meus colegas professores e com a direção da escola. Vocês ficam encarregados de convidar seus colegas de todas as turmas — disse o professor Matias.







Capítulo 7

Qual é o preço da ignorância?

No dia marcado para a reunião, a escola nem parecia a mesma. As paredes tinham sido quase todas decoradas com cartazes feitos por alunos de todas as turmas. Havia num corredor uma série de cartazes que contavam a história da escola por meio de depoimentos de professores, alunos e ex-alunos.

Noutro corredor, estavam os cartazes elaborados por Frida e alguns alunos orientados pela professora de Artes. Eram cartazes coloridos, mostrando trabalhos de artistas da Semana de Arte Moderna e outros ilustrando as paisagens naturais e culturais da região.

Mas o que mais contrastava com os dias normais de aula era a presença de muitos adultos. Os pais e as mães tinham comparecido em peso, atendendo ao convite dos seus filhos e da direção da escola. Além deles, havia também muita gente que, mesmo sem ter filho matriculado na escola, tinha comparecido porque achava importante discutir o futuro da escola.

À medida que chegavam, todos iam se posicionando no auditório, onde ia acontecer a esperada reunião. Professores, alunos, pais, mães, servidores, todos estavam lá. Então o diretor começou a falar e, ao agradecer a presença de todos e explicar o motivo daquela reunião, ele lembrou também que ela tinha sido ideia de alguns alunos daquela escola.

Depois, ele confirmou para todos que, devido a problemas financeiros, muitas escolas seriam fechadas e os alunos transferidos para outras. Provavelmente aquela seria uma escola que deixaria de existir. Muitos pais falaram, depois os professores, muita gente falou, alguns simplesmente reclamaram da situação. Mas, além disso, quase ninguém disse algo que pudesse ajudar na solução.

Um dos pais presentes quis que o diretor explicasse mais detalhadamente o que estava acontecendo. Então o diretor disse:

— O que está acontecendo é que houve um corte nos recursos destinados à Educação, então o governo resolveu priorizar aquelas escolas que estão localizadas nas regiões mais carentes, por isso as escolas que serão fechadas são exatamente aquelas que consomem mais recursos, devido à melhor infraestrutura que oferecem aos alunos, professores e comunidade.



Ele disse também que a turma de alunos que tinha idealizado a reunião tinha pesquisado uma possível solução. E, dizendo isso, pediu que um representante da turma falasse para todos.

Babi, Cadu, Kojiro, Estrela, Frida, Felipinho, Marina e Giba ficaram sem ação. Eles estavam todos sentados na mesma fileira, próximos uns dos outros, e ficaram todos se olhando sem saber o que dizer. Eles não tinham combinado nada disso, não sabiam que um deles ia falar ali, na frente de todo mundo.

Os dias anteriores à reunião tinham sido de muito trabalho para todos. Não só porque a escola tinha que ser decorada, os convites feitos e entregues, a comunidade toda precisava ser mobilizada, mas principalmente porque a turminha tinha assumido o compromisso de ajudar a resolver o problema, principalmente Felipinho, que tinha sido o pivô de tudo.

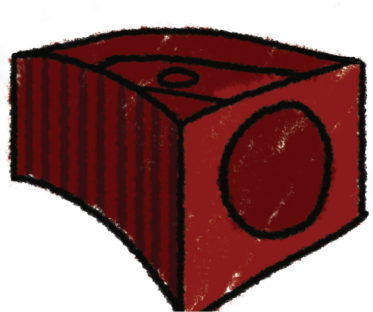
— Bem feito que você tenha que arrumar uma solução! Pois se a reunião foi ideia sua, agora trate de pensar numa solução! — havia dito Marina para Felipinho.

Foi por isso que, quando o diretor pediu que alguém da turma falasse, ela logo olhou para Felipinho, como se dissesse: “Então, vai lá agora!”.

A verdade é que todos estavam com um pouco de medo de falar para um público tão grande, a maioria de adultos desconhecidos. Nem Kojiro, que sempre tinha uma piadinha sem graça, se lembrou de falar qualquer coisa para quebrar o gelo. Mas era só medo mesmo, porque Felipinho tinha lido a parte do livro que falava sobre a Campanha pelos ginásios para meninos pobres, que depois virou a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC). Ele só não tinha se preparado para explicar como aquilo que ele havia lido serviria para resolver a situação.

Percebendo a dificuldade da turma e até para explicar melhor a situação, o professor Matias pediu pra falar um pouco antes do representante da turma. Daí, ele explicou de forma resumida como funcionava a educação no Brasil.

— Temos basicamente dois modelos: o público e o privado. A escola pública é aquela financiada totalmente pelo Estado, e a escola privada é aquela financiada pelo dinheiro das mensalidades que os pais pagam pela educação dos seus filhos. E o nosso problema é que o Estado não está mais em condições de financiar esta escola, por isso ela corre o risco de fechar.





Houve um burburinho, e depois um constrangedor silêncio, e Felipinho finalmente falou:

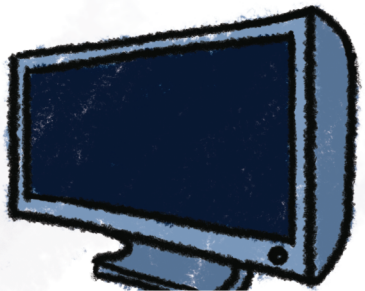
— Eu sei que muitos pais talvez sejam contra uma escola paga, pois quase todos pensam que o governo é quem tem que se responsabilizar pela educação de todos.

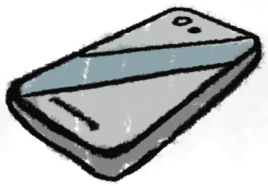
— Isso é verdade! — emendou o professor Matias. — Quase ninguém da comunidade aceita ser responsabilizado pelos custos na educação de seus filhos. O que pouca gente lembra é que a educação das crianças não é um gasto, mas sim um investimento, principalmente quando os pais possuem condições para isso.

— Parece que o professor está sugerindo que os pais comecem a pagar mensalidade, mas por que precisamos pagar pela escola, se já pagamos tantos impostos? — perguntou um pai.

— Não podemos nos esquecer de que, de certa forma, todos nós pagamos impostos, inclusive as pessoas mais carentes — disse o professor Matias, respondendo ao pai que perguntara.

— Mas o principal é a gente lembrar que, quando os recursos são escassos, ou aumentamos os recursos, ou passamos a gastar com os que mais precisam! — finalizou o professor Matias.







Foi então que Felipinho, que tinha ficado quieto só ouvindo a discussão, falou:

— Nós não podemos ser egoístas. Eu sei que a maioria dos pais dos meus colegas são pessoas que possuem condições financeiras melhores do que os pais daquelas outras escolas que não vão fechar. Muitos talvez estejam fazendo as contas pra saber quanto terão que pagar de mensalidade em uma escola particular, pois esta vai mesmo ser fechada. O que a gente precisa pensar não é em quanto custa a Educação, mas sim em quanto custa a ignorância.

Depois que Felipinho disse isso, todo mundo ficou em silêncio por alguns segundos, que pareceram uma eternidade. Todos pareciam surpresos com aquele pensamento, e uma pessoa ali naquele salão, além de surpresa, ficou muito orgulhosa. O pai de Felipinho, que assistia a toda aquela discussão, estava ao mesmo tempo muito admirado e emocionado com tudo que ouvia o filho falar. Então, ele pediu a palavra e disse:

— Eu aprendi com o meu pai que não há nada mais digno e valioso do que a educação, os conhecimentos, os valores que nós podemos legar para as gerações futuras, principalmente para

os nossos filhos. E eu tenho quase certeza de que a maioria de nós aqui hoje é filho de pessoas que não tiveram as mesmas oportunidades que nós. Na época em que meu pai estudou, as escolas nem eram escolas de verdade: os alunos sentavam no chão por falta de cadeiras e cada pai ou mãe tinha que contribuir com o que pudesse para que a escola continuasse funcionando.

Ele parou um pouco para tomar fôlego e continuou falando:

— Eu sei o que meu filho quer dizer com "o preço da ignorância". Ele está dizendo aquilo que todos nós já sabemos no fundo do coração: por maior que seja o preço de uma mensalidade escolar, ela é muito baixa se levarmos em consideração o preço que vamos pagar, no futuro, se nossos filhos não puderem frequentar uma escola.

— Além disso — atalhou Felipinho —, a escola particular que nós estamos defendendo não tem fins lucrativos, ou seja, ela não existe para produzir lucros, mas sim para permitir que os pais e a comunidade possam ser responsáveis pela educação de parte das crianças. Foi isso mesmo que eu pesquisei. Se todos nós nos unirmos, a escola poderá ser salva, não precisará fechar.



— E o mais importante de tudo é que nós estaremos salvando uma escola que já é uma comunidade, as amizades entre crianças, professores e a comunidade serão preservadas — disse novamente o professor Matias.

E enquanto eles falavam, alguém da turma se lembrou dos panfletos:

— Os panfletos! — disse Giba de supetão.

— Sim! Os panfletos! Bem lembrado! — respondeu Babi.

É que, nos dias anteriores, eles haviam discutido o assunto que o professor Matias e Felipinho estavam explicando para todos e resolveram resumir o assunto em um panfleto que explicava bem como funcionava o sistema CNEC. Por isso, enquanto Felipinho falava, eles se lembraram de que não tinham distribuído o material. Então, Cadu simplesmente se levantou, pegou o pacote de panfletos, entregou um pouco para cada um da turma e não precisou explicar nada, pois todos já sabiam o que devia ser feito. Em poucos minutos, todo mundo estava lendo o material, e as explicações de Felipinho e do professor Matias fizeram todo sentido.

Enquanto todos liam, parecendo concordar com tudo, Kojiro falou:

— Agora só faltam os unicórnios e as fadas! — disse isso e olhou para o lado, mas não viu Estrela e ficou meio sem graça, porque geralmente ele esperava que ela risse de suas piadinhas para não se sentir deslocado. Enquanto ele procurava por Estrela no meio da multidão, o diretor falou que iria convocar uma reunião com os representantes da comunidade para providenciar a nova fase da escola: uma escola Cenecista. Dizendo isso, informou a todos que a reunião seria finalizada com uma apresentação musical. Foi quando Kojiro olhou para o palco do auditório e viu Estrela, vestida de fada, à frente de um painel com vários unicórnios de todas as cores.

— Ela parece mesmo uma estrela! — pensou ele em voz alta, boquiaberto.

— Então, agora você acredita em mágica de fadas e unicórnios?! — brincou Felipinho, que acompanhava de perto o espanto do colega.

Eles se abraçaram sorrindo, e toda a turma começou a bater palmas e a gritar, pois perceberam que a verdadeira mágica é a amizade e que, por meio dela, eles haviam salvado a escola.







CNEC
Sistema de Ensino

EduBlocks
Plataforma de Educação

